

Rodoanel Trecho Norte: o tempo e a razão

Nelson Guimarães Proença

Em meados do Século XX, São Paulo já era uma cidade de grande porte, tinha três milhões de habitantes. Era circundada por municípios com populações ainda modestas, que começavam a crescer em consequência do desenvolvimento industrial do pós-guerra. As cidades não estavam ligadas entre si, percorriam-se quilômetros de estradas para chegar ao ABC, a Guarulhos ou a Osasco. Na vida urbana, a grande maioria da população era transportada por bondes e ônibus, o transporte coletivo fazia parte da vida da Capital de São Paulo.

Já ao final do Século XX, a situação era totalmente outra. A população da Capital chegou à casa dos dez milhões,

desapareceram os espaços que a separavam dos municípios vizinhos, e estava formada a imensa região metropolitana de hoje. Na prática, passou a ser uma cidade única, com população próxima dos 22.000.000 de habitantes.

Na década de 1990, o transporte individual ganhou destaque, cada qual procurava dispor de carro próprio. Estudos feitos na época mostravam que, de cada quatro carros que circulavam pelas ruas da cidade, três continham somente uma pessoa, o próprio motorista. Para que carros pudessem circular melhor, foi limitada a presença de caminhões no período diurno, e carga e descarga deveriam ser feitas no período da madrugada.

Disponível em: <<https://pixabay.com/images/id-4003126/>>.



A perda da mobilidade urbana indicava a necessidade da construção de um anel viário circundando toda a região metropolitana. Logo nome se impôs, seria o Rodoanel. Os estudos foram completados, e ele se tornou uma obra prioritária do Governo Mario Covas, que se estendeu de 1995 a 2000, este último o ano do falecimento do Governador. A decisão de construir um anel viário foi unanimemente aplaudida.

No período 1995-2000, fui vereador na Câmara Municipal da Capital, inclusive era o líder da bancada do PSDB. Foi com entusiasmo que fiz pronunciamentos na tribuna legislativa, escrevi artigos para jornais e realcei a importância da iniciativa do Governo do Estado.

Meu entusiasmo esfriou e minha posição mudou quando foi divulgado o projeto para o trecho Norte do Rodoanel, que faria a interligação do Sistema Anchieta/Imigrantes com a Via Dutra, acompanhando a Serra da Cantareira.

Eu tinha como certo que seu traçado acompanharia o lado Norte da Serra, aquele que se situa entre as regiões de Suzano/Franco da Rocha e Mairiporã/Guarulhos. Aqui o traçado seria plano e sem obstáculos naturais, com pouco mais de 40 quilômetros, traçado recomendável por já haver uma estrada, bastando fazer sua duplicação, a construção de uns tantos pontilhões, seria uma obra viária barata e rápida. Em questão de dois ou três anos, o Rodoanel estaria entregue.

Minha opinião era bem fundamentada por conhecer bem a Zona Norte da Capital, que se estende do Rio Tietê até a Serra da Cantareira. Não só a conhecia bem como a representava na Câmara, pois ali havia morado e trabalhado em meu consultório médico por quase trinta anos.

Quando o projeto do Rodoanel Norte chegou à Câmara Municipal, tive uma enorme surpresa: o traçado proposto pelo Governo Estadual passaria pelo lado Sul da Serra da Cantareira, por dentro do Horto Florestal. Este – a grande reserva florestal da Capital – exigiria a construção de incontáveis túneis e viadutos. Custaria muito mais caro e demoraria muito mais tempo para ser entregue. Sem dúvida, seria uma tremenda agressão, tanto para o meio ambiente como para as finanças do Estado.

Como esta construção exigiria desapropriações, foi preciso o consentimento do Poder Público Municipal. Assumi posição contrária ao traçado proposto e, durante as discussões, expressei minha opinião na tribuna da Câmara Municipal e escrevi artigos para os jornais.

Nas Audiências Públicas, especialmente programadas para a discussão do Rodoanel, fiquei isolado em meu posicionamento não só na Câmara mas dentro de meu próprio Partido, o PSDB. Tive de me afastar da liderança da bancada, tornei-me uma figura um tanto solitária dentro da Câmara. Houve até quem me considerasse um tanto ex-

cêntrico. Como havia uma quase unanimidade em torno da proposta apresentada para a construção do Rodoanel, por que assumir uma atitude tão discordante?

Fiquei isolado. Procurei mostrar a imensa diferença entre fazer o traçado passar pelo Norte da Cantareira e não pela face Sul – por dentro do Horto Florestal –, o que respeitaria o meio ambiente, teria preço muito menor e menor tempo de construção.

Insisti. Não seria uma obra muito mais cara, ao passar por dentro do Horto Florestal? Não pesaria muito no bolso do contribuinte? Quantos anos iriam se passar até terminar?

Cheguei a receber manifestações de apoio de militantes ambientalistas, mas o mesmo não se deu na área política, que é onde as decisões são tomadas. Aqui não fui ouvido. O projeto governamental foi aprovado, e a obra foi prometida para ser entregue já no início dos anos 2000. Perdi o entusiasmo pela política e voltei para minha vida exclusivamente médica.

Agora, vamos dar um salto no tempo. Passaram-se vinte anos, a obra está incompleta e ainda não tem prazo marcado para ser entregue.

Abri os jornais na segunda feira, dia 3 de junho de 2019, e as notícias em destaque eram sobre o Rodoanel que passa por dentro do Horto Florestal.

“O Governo de São Paulo vê indícios de descontrole no Rodoanel”.

“Com 44 quilômetros, o Rodoanel tem 111 viadutos e túneis, obras de arte especiais”.

“A obra já consumiu R\$ 9,1 bilhões, em valores atualizados, quando se incluem os valores para desapropriação de áreas e a compensação ambiental”.

“Não há mais margem para fazer aditivos porque todos os possíveis já foram feitos, mas a obra não está pronta. O Governo deve fazer uma nova licitação para concluir a estrada”.

“O IPT e a FIPE foram contratadas para responder a quatro perguntas: 1) Qual é o percentual da obra, já executado?; 2) Aquilo que foi construído, segue o projeto?; 3) Quanto foi pago, efetivamente?; 4) Os pagamentos foram regulares?”

Leio as notícias e fecho os olhos, para recordar o passado. Pergunto a mim mesmo: “O discordante de antes – o solitário, o excêntrico – não era ele quem estava certo?”.

Nelson Guimarães Proença

Membro da Academia de Medicina de São Paulo.